

Gêneros jornalísticos: bússolas para investigações

10/04/2007

Maurício Liesen*

Uma das etapas iniciais de qualquer estudo é a classificação dos constituintes do seu objeto. Seja numa ciência, numa disciplina ou numa pesquisa, a necessidade de segmentação é imperativa. A proliferação de áreas do conhecimento cada vez mais específicas surgiu com a hegemonia do pensamento humanista, dentro do que chamamos de modernidade. E com o jornalismo, que encontrou sua primavera após a Revolução Industrial, não é diferente.

O campo jornalístico é como um índice da sociedade que o constitui. Portanto, sofrerá variações em sua configuração de acordo com as formatações de um país – caracterizadas pelos diferentes tipos de gêneros.

Mas um é seminal. Sem ele não há jornalismo, pois é a base para a veiculação elementar de informações: a notícia. Como reconstrução simples de um fato, a notícia responde aos anseios do lead (ou lide), forma norte-americana criada para, além de superar as limitações do telégrafo, servir como fachada para vender a idéia de jornalismo como a “apresentação imparcial do real”. 3Q + O + C + P. Parece uma fórmula matemática, mas mostra-se eficiente quando o assunto é concisão e velocidade: o quê, quem, quando, onde, como e por quê.

Subindo um degrau no tratamento de um fato, temos a reportagem. Partindo do mesmo solo da notícia, a reportagem cresce ao representar várias vozes e versões de um fato – na busca de constituir a conhecida ‘polifonia’ bakhtiniana. Utilizando-se de ferramentas literárias, a reportagem é considerada por muitos teóricos o “biscoito fino” do jornalismo, pois sua forma expande o conhecimento e aproxima o leitor a determinado fato.

Da reportagem, brota outro gênero chamado de grande-reportagem que, além do tamanho (como o próprio nome indica), dá ao fato caracteres ficcionais para melhorar a construção da ambiência narrativa. Ou seja, é literatura iniciada e guiada a partir de fatos e acontecimentos não-ficcionais.

Por falar em literatura, o jornalismo brasileiro possui um gênero ímpar: a crônica. A partir de fatos cotidianos, que muitas vezes passam despercebidos pela grande imprensa, o cronista tece com “ritmos” ficcionais um breve cenário que dialoga com o contemporâneo, como uma espécie de termômetro social. Híbrido, fruto do encontro entre jornalismo e literatura: grandes escritores do Brasil já tiveram seus dias de cronistas.

Bem... e este texto que vos fala? Ele é um artigo... ou tenta ser um. Vamos ver: há um argumento, a defesa de uma linha de pensamento, exposição de idéias... há uma introdução, um desenvolvimento e... hum... falta apenas a conclusão.

É fato que a classificação dos gêneros jornalísticos auxilia nossos estudos no campo comunicacional. Contudo, com a hibridação crescente das áreas e estilos, é tarefa impossível enquadrar todos os textos midiáticos em gêneros específicos. Uma prova disso encontra-se justamente nas diferentes classificações de teóricos brasileiros. Os gêneros devem, então, assumir o papel de bússolas, e não de mapas, nesta área do conhecimento em que a cada instante surgem novos horizontes.

***Maurício Liesen** é aluno do Curso de Comunicação Social da UFPB, habilitação Jornalismo. E-mail: mauricioliesen@gmail.com. O artigo acima foi elaborado para a disciplina Linguagens de Jornalismo, ministrada pelo professor Marcos Nicolau.